

ASSISTIMOS CONFIANTEMENTE AO RENASCER DO MOVIMENTO LIBERTÁRIO EM TODAS AS PARTES DO MUNDO, ISSO NOS FAZ CRER QUE A HUMANIDADE AINDA NÃO PERDEU A FÉ NOS SEUS DESTINOS, APESAR DE TUDO E DE TODOS OS TIRANOS QUE IMPEDEM A SUA MARCHA LIVRE PARA A LIBERDADE. A REACÇÃO SERÁ VENCIDA E NO MUNDO SE ESTABELECEERÁ UM REGIME DE IGUALDADE PARA TODOS.

S. PAULO, 3 DE SETEMBRO DE 1948

Arquivo EDGARD LEUENROTH
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CL/93 UNICAMP 11/76

ANO 22 - NÚM. 19 (Nova fase)

ANARQUISTA

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulsos: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

A liberdade de cada um, consagrada como garantia concreta do direito universal, não pode ser senão o resultado de uma federação livre de todos os soberanias individuais.
PEDRO GORI

Habituação para o pobre - problema sem solução

As notícias dos jornais voltam a falar com insistência nos projetos da Fundação da Casa. Po-
nham nos financiamentos dos institutos de aposentadoria para aquisição da casa própria.

Os que têm tido a ilusão de que, por intermédio dessas instituições, podem realizar o sonho de possuir uma casa para morar, dando à sua família um teto sem os vexames e inconvenientes da casa de aluguel, sabem que todas essas lotetas visam apenas alimentar na mente dos trabalhadores o culto da mentira eleitoral e a submissão ao Estado.

Conhecemos pessoas que, pretendendo construir ou adquirir a casa própria por intermédio dos institutos, procuraram conhecer as condições desse financiamento, entrando com os requerimentos do praxe. Tais foram, porém, as exigências, tantos foram os impedimentos que se lhes apresentavam, que desistiram dessas propostas. Quanto às "vilas" construídas pelo governo, tome-se por base a Vila Ademar de Barros, a 50 minutos de ônibus do centro, muito além do Parque Jabucar. As casas dessa vila, em numero irrisório para a solução de um problema capital, foram vendidas por 30.000 cruzeiros, com uma prestação mensal que, sem juros, isto é, um aluguel para ricos ou para altos funcionários do Estado! Além disso, apesar de serem afastadas do centro da cidade e perdidas num lagoão barroco, não vem sendo as quatro paredes e algumas paredes vitrais que dividem a habitação, em aposentos mais ou menos confortá-

veis. Nada de quintal, nem mesmo um pequeno corredor para estender roupa.
Outro grupo de casas iniciado há vários meses, na varzea do Catumbi, nas proximidades do rio Tietê, apenas 5 ou 6 estão prontas, mas, não se sabe porque, até agora inacabadas, nos falta-lhe água e luz, além de não oferecerem também nenhuma comodidade.

Apesar de todos esses defeitos, essas casas são inacessíveis ao trabalhador, pois quando se procura saber, nos corredores das repartições às quais estão afetos esses negócios, sofre-se uma tremenda desilusão: há milhares de requerimentos na frente, à espera de serem atendidos.

Enquanto isso, fala-se num próximo projeto de lei que visa modificar a Lei de Inquilinato, aumentando os aluguéis em 100%!

São essas as soluções que se apresentam para a habitação do pobre, que continuará lutando com um problema insolúvel, morando em favelas e cortiços e pagando, para morar, mais de três partes dos seus salários, obrigando-o a permitir que suas filhas sejam escravizadas nas fabricas, que os filhos não tenham possibilidades de participar dos benefícios de uma educação a que tem direito, assistindo à ascensão contínua do custo da vida. Conclusão: não há solução para os problemas do povo dentro do regime em que predomina a exploração do homem pelo homem, e que tem à sua base no Estado, inimigo nº 1 do povo e das classes produtoras.



Representação do símbolo do sacrifício, o mocho negro arrastado e explorado por milhares de escravos.

O espectro da fome

Depois da fome da Espanha, que matou a vida de milhões de seres humanos nos campos de batalha, de fronteira, nas filhas do povo, o novo vorante problema da fome.

Segundo a dialética convencional dos marxistas, a fome é o resultado do Estado, esse problema passa sobre a humanidade como a sombra do Deus morto.

É interessante saber como os marxistas que controlam a economia mundial interpretam o atual problema da fome e da guerra. Eles acham que a fome é um fenômeno consequente da guerra e como tal deve ser combatido. Assim, pedem, acham que um aumento de produção, por meio da guerra, contribuirá para melhorar a situação dos povos famintos.

Mas, o que se entende por povos famintos? Será que o favelado da favela atinge somente aos povos considerados velados no último quartel? Será que nos países que se consideram vencedores a fome não existirá, também acontecendo? Mas, ali, uma questão que precisamos por um prático linhas.

Não é estranho que os cálculos dos seus entronados no poder, sobre a situação alimentar do mundo tenham suas fontes a ser a realidade. Nos Estados Unidos, também, as predições pessimistas que fazem do futuro próximo para a humanidade? Pois, se a economia mundial está em seus primeiros e vorantes que existem ao par do que pode acontecer, salvo investimentos de hoje para amanhã. Eles já calculam, matematicamente, e há, mais de um século, sabem que haverá a consequência de uma alimentação deficiente e subnutrição. Os cálculos olham a milhões o número de indivíduos que poderão ser alimentados por falta de uma alimentação suficiente e oportuna. Aqui não estão contados os que ficarão filhos, órfãos, paralisados, e que por muito tempo serão incapazes de produzir coisas de utilidade social, tornando-se, portanto, peso morto na balança da economia da sociedade. Então, se a própria guerra mundial não milhões de seres a morte e a fome, negando as previsões dos "matemáticos" e "sociólogos" da burguesia, fará outra vítima, criando, de modo a sociedade burguesa, milhares de indivíduos que terão a vida imbuída no desespero. Não eram os mandamentos que o equilíbrio entre a produção e consumo, os indivíduos, atraindo-os a uma situação de grande envergadura, a falta de pão em grande e estivo e necessário, esse conflito de interesses capitalistas.

Este conflito das instituições hierárquicas, entre capitalistas e um

de indivíduos de uma classe, para satisfazer a fome, é evitar a fome preço.

Quando Truman disse que houve necessidade do emprego de tropas americanas sobre o Japão, porque há fome, apresentou a situação de milhões de bateladores de ideal anarquista, apesar das dificuldades criadas ao povo português pelo regime salazarista, que recorreu a escravidão e ao assassinato criador naquele país, o passo anarco fraternal.

Também nesta terra houve fome. Não cantaram cânticos, com a sua fúria herética e profetamente, há muito; Guerra Junqueiro, do ressonância rebelde e Gomes Leal, o estrô de multido ultrajada e revoltada.

Só há um desejo a noite, e desporto tempo despois da vida de arte e do pensamento. O que era grande humana tornou-se choro, o que era triunfo tornou-se fraqueza. Despedidos em vida e o próprio homem sob o manto do multido, arrastado, o que é o céu de César esfingir. Portugal não pode viver, como não pode viver a Espanha, porque sobre ambos os povos pesa a sombra dos predadores sanguinolentos, e sobre eles, uma tirania abstrata: Salazar e Franco.

Mas, por debaixo, mesmo já terra cobrada pelo peso do pedestal, flutuam a semelhança mítica, a situação por grande do mundo, e geram as novas sementes, sementes que serão moedas.

A superfluo e panoptico é aridez de fracos embaixadores da burocracia estadual, os robôs humanos, estalados buscando os rebentos raras e corações, e a estrutura política e vida, apenas a cena histórica da "Política do Espírito" dirigida pelo Estado.

Também aqui há a Resistência não.

A guerra, a fome e a decadência moral, que se manifestam no capitalismo humano, são efeitos cuja causa se encontra no caráter social em que vivemos. Procurar em outras fontes a origem do mal estar social é o mesmo que fazer um furô d'água.

O capitalismo divide a sociedade terrestre de tal forma, que faz dela uma espécie de colcha de retalhos, cujos pedacos tomam a forma mais variada e as cores mais brilhantes possíveis. De cada pedaco de tecido faz uma "peça" que pertence ao despojado por meio duma rede de privilégios, que se arrogam o direito de controlar a vida dos povos, mas que são reduzidos à impotência pela engrenagem do Estado, pouco impetuosa do capitalista, que o trabalhador passe necessidades ou morra de fome, que interesse, desta maneira, castigar os escravos, e que a burguesia de capitalistas se enriqueça com o suor do outro. O resto é conversa e o sonho sentimentalista e filantropia no âmbito do choro sem lágrimas de um século.

A questão da fome que assola os lares do proletariado não é apenas "partida" e um problema social, como, para os distribuidores resolver, por-

A Poesia Revolucionária em Portugal

Preocupação do poeta português, que vive de apresentação a um novo poeta da anarquia, assinada por um velho camarada, publicando a seguir, assinado um Soneto de Byron, apresentado a respeito de José bateladores de ideal anarquista, apesar das dificuldades criadas ao povo português pelo regime salazarista, que recorreu a escravidão e ao assassinato criador naquele país, o passo anarco fraternal.

Também nesta terra houve fome. Não cantaram cânticos, com a sua fúria herética e profetamente, há muito; Guerra Junqueiro, do ressonância rebelde e Gomes Leal, o estrô de multido ultrajada e revoltada.

Só há um desejo a noite, e desporto tempo despois da vida de arte e do pensamento. O que era grande humana tornou-se choro, o que era triunfo tornou-se fraqueza. Despedidos em vida e o próprio homem sob o manto do multido, arrastado, o que é o céu de César esfingir. Portugal não pode viver, como não pode viver a Espanha, porque sobre ambos os povos pesa a sombra dos predadores sanguinolentos, e sobre eles, uma tirania abstrata: Salazar e Franco.

Mas, por debaixo, mesmo já terra cobrada pelo peso do pedestal, flutuam a semelhança mítica, a situação por grande do mundo, e geram as novas sementes, sementes que serão moedas.

A superfluo e panoptico é aridez de fracos embaixadores da burocracia estadual, os robôs humanos, estalados buscando os rebentos raras e corações, e a estrutura política e vida, apenas a cena histórica da "Política do Espírito" dirigida pelo Estado.

Também aqui há a Resistência não.

A guerra, a fome e a decadência moral, que se manifestam no capitalismo humano, são efeitos cuja causa se encontra no caráter social em que vivemos. Procurar em outras fontes a origem do mal estar social é o mesmo que fazer um furô d'água.

O capitalismo divide a sociedade terrestre de tal forma, que faz dela uma espécie de colcha de retalhos, cujos pedacos tomam a forma mais variada e as cores mais brilhantes possíveis. De cada pedaco de tecido faz uma "peça" que pertence ao despojado por meio duma rede de privilégios, que se arrogam o direito de controlar a vida dos povos, mas que são reduzidos à impotência pela engrenagem do Estado, pouco impetuosa do capitalista, que o trabalhador passe necessidades ou morra de fome, que interesse, desta maneira, castigar os escravos, e que a burguesia de capitalistas se enriqueça com o suor do outro. O resto é conversa e o sonho sentimentalista e filantropia no âmbito do choro sem lágrimas de um século.

A questão da fome que assola os lares do proletariado não é apenas "partida" e um problema social, como, para os distribuidores resolver, por-

O Estado

O Estado é uma instituição destinada a assegurar os privilégios das classes dominantes, criando barreiras para o pobre e direitos para o rico.

Constitui o Estado o mais perigoso inimigo público porque tem o direito de praticar arbitrariamente as mais absurdas, pois conta com o exército, a polícia, a justiça e demais órgãos obrigados para impor as suas leis. A sua natureza repousa na autoridade e consequentemente, na opressão. Os indivíduos que protestam contra os seus desmandos são duramente castigados. Os idealistas são as suas vítimas preferidas, devido o combate que oferecem sem tréguas aos seus crimes. Sofrem pelo crime de combater a verdade e apontá-la aos semelhantes. Mas o verdadeiro idealista não se arrende nem mesmo quando perde a liberdade. O verdadeiro idealista luta pela sua causa com desapego à vida e desprezo à morte. Morre, mas não silencia, porque a sua ideia sempre sobreviverá aos séculos nas gerações futuras. E algum dia os seus compunheiros colherão os frutos da sua sementeira.

Portugal - Março de 1948. AMIL

Mário Martins

S. O. N. D. P.

É esse instante que em mim se fez ideia de a ideia que era em nós toda a razão. Foi momento que em nós se fez ação e a força da razão que em mim se fez ideia.

Razão que eu presento quando sangrei Das feridas mil que em nós se fez ideia. Também arvores mil há padecer E as chagas da miséria não curar.

Da sou da vasa. Sou um vaso cheio. Não dura maninhada que tracei. Não dura o odio não tem sequer perdão.

Viva, porém, na vida que alcançei. Ou sucumba na guerra do trabalho. Mas que fique de nós a minha lei.

Portugal, Março de 1948. AMIL

Semeando Ideias

A cultura e a arte das diversas nações têm uma essência comum; as mesmas raízes lhes servem para extrair a seiva do mesmo solo; somente as flores e os perfumes são diferentes. É isto, justamente, que constitui o esplendor do jardim da humanidade, no qual se harmonizam, pela comunhão de interesses, os indivíduos de todas as raças, apenas separados pelo odio de todos os nacionalismos, substanciado no princípio de autoridade.

Eugen Reclus

O Estado

O Estado é uma instituição destinada a assegurar os privilégios das classes dominantes, criando barreiras para o pobre e direitos para o rico.

Constitui o Estado o mais perigoso inimigo público porque tem o direito de praticar arbitrariamente as mais absurdas, pois conta com o exército, a polícia, a justiça e demais órgãos obrigados para impor as suas leis. A sua natureza repousa na autoridade e consequentemente, na opressão. Os indivíduos que protestam contra os seus desmandos são duramente castigados. Os idealistas são as suas vítimas preferidas, devido o combate que oferecem sem tréguas aos seus crimes. Sofrem pelo crime de combater a verdade e apontá-la aos semelhantes. Mas o verdadeiro idealista não se arrende nem mesmo quando perde a liberdade. O verdadeiro idealista luta pela sua causa com desapego à vida e desprezo à morte. Morre, mas não silencia, porque a sua ideia sempre sobreviverá aos séculos nas gerações futuras. E algum dia os seus compunheiros colherão os frutos da sua sementeira.

Portugal - Março de 1948. AMIL

Mário Martins

S. O. N. D. P.

É esse instante que em mim se fez ideia de a ideia que era em nós toda a razão. Foi momento que em nós se fez ação e a força da razão que em mim se fez ideia.

Razão que eu presento quando sangrei Das feridas mil que em nós se fez ideia. Também arvores mil há padecer E as chagas da miséria não curar.

Da sou da vasa. Sou um vaso cheio. Não dura maninhada que tracei. Não dura o odio não tem sequer perdão.

Viva, porém, na vida que alcançei. Ou sucumba na guerra do trabalho. Mas que fique de nós a minha lei.

Portugal, Março de 1948. AMIL

Os anarquistas e o momento presente

MANIFESTO DO ANARQUISMO INTERNACIONAL

Dois blocos de Estados se deplaciam no presente. A guerra ameaça. As perspectivas de um mundo melhor que os porcos fundamentaram no progresso da técnica, a abundância material e a unidade de todas as nações do mundo estão em ruínas. Ninguém se sente capaz de impedir a sucessão ininterrupta das crises que conduzirão o mundo à guerra. Ninguém vê um meio eficaz de evitar as pretendidas fatalidades históricas.

A democracia burguesa abriu falência. O capitalismo privado demonstrou a sua incapacidade na solução das suas próprias contradicções. O capitalismo de Estado, sob a forma total das ditaduras bolchevísticas, dos totalitarismos autoritários ou das demagogias leninistas do fascismo, reverteu-se em aviladores impiedosos de todos os valores humanos.

Liberalismo e totalitarismo nos acrocentram a uma economia de guerra, dentro da qual toda a sociedade se ocupa na produção de meios destrutivos.

As bases do acordo visado por Stalin em 17 de maio outra coisa não é senão a preparação em grande escala para novos morticínios. Nenhum dos problemas consequentes da ruína, da fome, do caos social de após guerra será resolvido pelos planos Marshall e Molotov ou suas eventuais continências. Sobre o aspecto de reorganização económica e política, estes planos são instrumento do imperialismo.

Nenhuma das forças espirituais que pretendem conduzir a humanidade segundo os imperativos do Estado, da Igreja ou dos partidos, é hoje capaz de desenvolver uma ação útil. Todos se contentam nos sonhos das fantasmas mais brutais.

Todas as organizações políticas, sindicais e religiosas baseadas no princípio de autoridade surgiram de simples aparelhos de servilismo e escravização. Os novos da Espanha, Portugal, Grécia e da América Latina genuíno sob o jugo dos "faherers" que pretendem exterminar o movimento libertador, a ansia de liberdade que todos os povos sentem após a recente guerra mundial. A China se debate numa guerra civil insolúvel. Os povos stalinizados dos balcãs são submetidos a um terror político igual ao pior de que se faziam sentir sob o regime hitlerista. Ao Oeste, forças da mesma natureza procuram imponer o seu modo de vida.

Todos os meios que os povos americanizados, a nossa geração resultam da acumulação de causas consequentes do funcionamento da própria sociedade autoritária, dos contínuos massagers da sociedade capitalista desferida contra as forças impulsoras da liberdade. E tudo nos indica no mesmo pensamento fundamental: a construção de uma sociedade sem Estados, a possibilidade de se avançar a humanidade sob o princípio de autoridade, não desenvolvimento da liberdade ao círculo infame da decomposição em que se debate.

A Anarquia, afirmação total da livre atividade das massas produtoras, só ela é capaz de ferir e abalar o poder das castas que dirigem o mundo a seu modo.

Anarquia, orden espontânea em todos os ramos de atividade, é o único meio de dar aos produtores de todas as riquezas sociais e às criaturas de todos os valores a plena fecundidade de um campo de experiências sem limites, a viva satisfação de gozar os frutos do seu trabalho, a possibilidade de se orientarem sempre mais conscientemente no sentido da solidariedade humana.

A Anarquia, princípio de organização sem dogmas nem fronteiras, é o único caminho da paz.

A Conferência Anarquista Internacional de Paris saudou a todos os lutadores da liberdade em todo o mundo, com os olhos voltados para a luta de hoje, para a reconstrução da Internacional Anarquista em plena Europa devastada, pela segunda guerra mundial. Em todas as partes do mundo os estudos dos psicólogos e as experiências dos educadores se fazem no sentido de provar que a liberdade integral constitui a única via do progresso individual e social.

De todos os recantos do mundo nos chegam os ecos das lutas emancipadoras, manifestas quer por indivíduos, isoladamente, quer por organizações e grupos já constituídos e solidos. É o renascer do mundo nas suas afirmações, que nunca se transmitem, que não modificou nunca as suas afirmações, que nunca se desviou em suas finalidades: — o movimento anarquista internacional.

— A luta, camaradas! Nós temos um ideal a viver, grilhetas a quebrar e um mundo novo a construir.

Como foi empastelada "A Plebe"

A propósito da cronica de Agostinho Schmidt sobre Gigi Daniell, que reproduzimos nesta página, destaco um trecho de um trabalho do nosso companheiro Edgard Lenewroth:

"Apontamento para a historia da imprensa em S. Paulo" — a seguinte página em que se refere justamente os acontecimentos que foram nossos companheiros de A. Plebe:

Faltou porque esta página completa o bolo trabalho de Antonio Segismund.

Em 1919, deu-se o empastelamento do jornal popular de orientacão socialista, "A Plebe", do qual era director Edgard Lenewroth.

Numa greve da Light, então verificada, um grupo de estudantes de direito prestou-se a substituir os trabalhadores. "A Plebe" encabeçou com o seguinte "mancheito": A página do seu numero de 20 de outubro de 1919: "Mas um 'Folheiro' desta de 'Heroldo'". — "Estamos informados de que brevemente, as chagas de honra da moralidade publica, estabelecida nas suas listas, 'Heroldo' e 'Folheiro' (então: São da 'Merced'), se declararam em greve contra as respectivas patronas, devido ao excessivo de trabalho, e o 'baita' irageo dos respectivos colaboradores. Previnimos os leitores interessados para que estejam de prontidão, a fim de irem, na occasiã oportuna substituir as respectivas." —

Isso provocou o empastelamento do jornal. Encontravam-se nas officinas do jornal, à rua das Flores, João Silveira Martins, naturalmente o nosso companheiro Edgard Lenewroth, seu redactor, do larpe de S. Francisco, algum telefonou para um grupo de estudantes para vir para o jornal e em fim de atacar o jornal. O Sr. Agostinho Schmidt, se abandonou e ficou, apanhado na porta da entrada o seguinte "mancheito": "Atenção". O Sr. Edgard Lenewroth, naturalmente, não teve de sair, mas os fundos, onde havia uma grande officina, foi então empastelada, o mesmo acontecendo com a redacção, situada a rua 17 de Novembro, ficando a lávra, por alvado à rua, denominada "uma fogueira".

de exemplares de um livro de autoria de Edgard Lenewroth e mais de cem centenas deles foram apanhados pelos policias. No dia imediato, o jornal reapareceu com o seguinte "mancheito" na primeira pagina: "Volta a ser publicado 'A Plebe' e 'Heroldo'. Como a 'Plebe' da volta lembra a renascença das proprias chagas". Na véspera, haviam sido empastelados alguns praxas e o dia seguinte com impressão muito precária, em virtude dos estragos feitas pela maquina.



Como em esta, em que os editores da redacção em Portugal e Espanha avisaram para os leitores e colaboradores, não comparem no mesmo local nos dois meses. Naturalmente se não comparem no mesmo local se não se vierem voluntariamente, ou nestas estas verdades.

Mais Firmesa!

Os movimentos anarquistas italiano, espanhol, português, francês e em todos os países onde existem uma certa relevancia estão convidando os esforços no sentido de que, a medida que eles se expandem e aprofundam, os seus militantes se conservem em permanente vigilia para que a sua ideologia não seja deturpada nem levada por detractores opostos aos que lhe inspiraram os seus mais ilustres intérpretes.

Nós, anarquistas, que, através de muitos anos, vimos lutando pelo triunfo da ideia que jáo carrega, não consentiremos que os galionarios, avidos de supremacia, venham estabelecer a etna nos nossos meios para melhor conseguir o seu desiderato: formacão de algum partido cuja hierarquia seja atribuida. O projecto que contém os livros assinados, ainda se acha envolto numa densa neblina, sendo a sua descrecção para dissipar a neblina do sentido de que seu desígnio se efetive.

Caros camaradas, jovens e veteranos! A tremenda responsabilidade que assumimos ao nos declararmos anarquistas, exige de nossa parte a mais completa fidelidade aos postulados agratas, por estar demonstrado que só eles poderão terminar com as mil formas de tirania que, para vergonha da espécie humana, ainda são exercidas no seculo da energia atomica.

Todos sabemos de quantos agra e velhacaria se valem todos os lobos que, no seu intuito, se alimentam, secretamente, a indomita vontade de se constituirem em depositarios da mais soberania que se possa dar a mais imensa de pátrias que, em geral, se plaçam da producao tem o lugar marcado: porque a sua presença é indispensavel, sem a qual a vida da sociedade não se processaria em flagrant contrastes com o iniquo procedimento dos seus de todos os lizes: politicos desvergonhados, patrões rapaces, clerica delapidadora, militares e falsos idealistas.

Não podemos conceber que homens de mente equilibrada se deignem aceitar o anarquismo e se deixem seduzir pela corrente dos ventos sem se aperceberem que, involuntariamente, se tornam um joguete dos que sonham com as guimanchas do poder.

No anarquismo não há lugar para as encruzilhadas em que são feitos todos os partidos politicos, desde os mais retrogradados aos mais avançados. O ideal agrata vai em linha recta no combate a todos as formas de tirania, ainda que esta se apresente com o pomposo enfiado de moralidade. Impelle os trabalhadores a luta sem quartel a torpedos dos ladrões que, por processos canchalescos, se apossam do fruto do exaustivo labor dos modestos lileitas.

O anarquismo loma possessão de combate contra todos os sustentáculos desta ignominiosa sociedade: todos as religioes, que subordinam o individuo à ferula do fantasma divino; o militarismo que, com a sua suprema missão, está sempre alerta em defesa dos quadris da "finança"; a magistratura que em habilitada vigília não permite a minima infracção por parte dos desahucados, as leis contidas no calhançado chamado codigo, que nada mais é do que a condensacão das mais vergenholosas, expolições feitas aos que cometem o crime de serem produtores. O anarquismo, se por uma via se empenha em supprir o nascente que alimenta a fonte de onde promanam todos os males que affigem a humanidade por outra inutiliza esperanças, indavidas de libertação nos que, mergulhados nos elos dos canteiros de herais, dos cavalleiros no garrinjo, no pantofole, nos pampas ranchos, nas flagelantes margens do rio S. Francisco, na mineração, etc, etc, produzem a riqueza social. O Anarquismo não se apresenta ao lado dos que, quasi submetidos a estes, oceano de dor, cuja expressião maxima se acha personificada na esmarilhada de selva amazónica, onde o trabalhador é crucificado em holocausto a sede de ouro do seringaço, a sede de indiana vontade de destruir os vilenaes grilhões que tão ostensivamente revelam a sua escravizacão.

Meus caros jovens camaradas: se é o anarquismo a ideia que abraçamos, não o havéis deixada

mente. Esquadrihais o que estão realizando os nossos camaradas, velhos e jovens, no vasto continente europeu. Na Espanha, na gloriosa Espanha, cujo ventro já mais se cansa de criar, geracão após geracão, os intrépidos combatentes agratas, o anarquista de dezoito annos luta ao lado do anarquista veterano pelo seu amor a liberdade e repulsa a mais avilante concepção duma sociedade em ruínas, o ramagado fascismo.

Na Italia, o que vemos? O desarvergonhado oportunismo obtriu de opprobrio todos os partidos politicos que em franca decomposicão, se vêem abandonados pelos homens de seu criterio e estes batem a porta da organcização anarquista por verem nella o reduto mais eficiente e consequente no combate a todos os inimigos da liberdade.

E a justa reconhecença aos esforços dos agratonados do pensamento que, através de orientacões vicissitudas, jamais abandonaram a luta os filhos da lua romana. Este quadro se applicava a toda a Europa. Na velha Albion, o que acontece?

A tradicional submissão dos trabalhadores a descripticão autorizada do lider, está se convertendo em repulsa geral por estes traidores que, através de muitas decadas, vem acompanhando o papel de homberes em profs descomprensos que recebem dos escravizadores. An comunistaes tal autvidor por parte dos trabalhadores ingleses, não podemos deixar de apoiar tão benéfico procedimento.

Se, como vimos, no velho continente os trabalhadores se inclinam para a agoa diretta, isto é, para a luta vis-a-vis de exploracão contra explorador, eliminando o intruso autorizador de energias, o lider, como se justificaria a nossa benevolencia, quasi tocando as raias do crime, para com os aspirantes ao liderismo?

Lembro a todos, de qualquer idade, que pensais no momento no historico presente, os gregos deram aos troianos, e os reis chegado a conclusão que o caso requir.

Portanto, camaradas, mais firmesa! Como tripulantes da nau anti-estatal, não nos deixemos seduzir pelas banhaes de serenos, se quizermos conduzir a a um porto seguro.

Continuemos a obra, com toda a virilidade, dos verdadeiramente homens que, desprezando o superficial, se que tinham chegado, não flutuaram um só momento sem se lançar a obra de esclarecimento no seio dos trabalhadores para lhes fazer compreender que, sem a sua interferencia na producao, o mundo não passaria um centavo de hora.

Mais uma vez vos fello a que nitida, pela pureza dos principios anarquistas, relassando os seus falsos adeptos.

Respeitemos as mortais figuras que com a sua ciencia sobeiram criar um sistema de vida todo em consonancia com as leis da natureza.

Antonio Manuel VINHAIS

Correio de "A Plebe"

Estamos em falta com uma grande parte dos camaradas que nos escrevem. Desajustamos responder a todos, mas, como sabem os companheiros, tiramos aos nossos afazeres quotidianos e os meos, em que nos é permitido cultivar da conceicao do jornal. Pedimos, na parte desolada, pelo atraso da nossa resposta, prometendo, entretanto, que iremos atendendo a todos na medida do possivel.

"A PLEBE"

Alargado aliado, em virtude das dificuldades economicas, estamos providenciando para a reconstitucao do seu aparelhamento. Por isso, até que seja feita a substituição dos "combustiveis".

Encarregado de "A Plebe": Edgard Lenewroth, Caixa postal 434, São Paulo.

O PROLETARIADO DEVE LIBERTAR-SE DA TUTELA DE TODOS OS DEPARTAMENTOS MINISTERIAIS E CONQUISTAR POR SI MESMO AQUELO A QUE TEM DIREITO. SO PELA AÇÃO DIRETA, PODE ASSEGURAR AS SUAS CONQUISTAS IMEDIATAS E FIRMAR UM PRINCÍPIO DE DEFESA DOS SEUS INTERESSES. READQUIRAM OS SINDICATOS SUA LIBERDADE DE AÇÃO. RECONQUISTEM A SUA AUTONOMIA.

A PLEBE

S. PAULO, 3 DE SETEMBRO DE 1949

ANO 32 — NÚM. 18 (Nova fase)

Relembrando um Crime Social

O FAMOSO PROCESSO SACCO E VANZETTI MOSTROU COMO OS JUIZES DO REGIME CAPITALISTA DISTRIBUÍAM A JUSTIÇA.

South Brantford, presentando, há 21 anos atrás, na madrugada do 23 para 24 de agosto de 1927, a exceção de um abominável crime de lesa-humanidade. Os povos, os homens de consciência livre, viram por terra todos os esforços e preconceitos no sentido de libertar dois homens inocentes, condenados de um crime que não cometeram.

A organização estatal dos Estados Unidos da América do Norte conseguiu, não pelo que dava a entender ao mundo seu poderio militar, científico, econômico, e Estado procurava machucar, assim, os honrados de dois libertadores da liberdade: Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Outros, numa "forma" organizada para sacrificar duas preciosas vidas da humanidade, o Estado e a burocracia internacional não hesitaram em condenar Sacco e Vanzetti. Não porque eles fossem os autores do crime e do pecado da Bridgewater Shoes Company, mas porque eles eram anarquistas.

A oferta de 250.000 dólares como prêmio para a captura dos autores do crime, de acordo com o Estado, não foi necessária, em qualquer hipótese. Mas em que esse assunto foi considerado, a importância das autoridades para a descoberta dos criminosos, tendo sido "Alto do céu" há 22 anos, não há mais, aliás, todo mundo, não queria cessar, agitado por graves problemas sociais, levou os juizes a servir ao capitalismo a cometer o famoso crime de lesa-humanidade. Os dois camaradas anarquistas foram julgados e condenados a morte dois anos antes, isto é, em 21-12-1918.

Durante os anos que durou o processo Sacco e Vanzetti, estes dois grandes libertadores viveram sob a ameaça permanente da cadeira elétrica, desde a tarde fatídica em que ocorreram os crimes, a 5 de maio de 1927.

Bartolomeo Vanzetti, preso juntamente com os dois camaradas, no julgamento dos dois camaradas, começou a trabalhar no pro da libertação dos mesmos.

A circunstância de se achar em poder do Nicola Sacco, uma pistola Colt por decisão da sua detenção, e o fato de os juizes terem sido a tomar a questão de honra e de dinheiro para as autoridades envolvidas no processo, constituiriam o pivô da denúncia dos dois anarquistas. Para os condenados, não hesitaram em substituir o ano da pistola de forma, a que as balas, com que foi praticado o assassinato se acionassem no mesmo. Era preciso encontrar os criminosos e os dois anarquistas deviam ser eliminados.

Figura assim, o processo Sacco e Vanzetti, entre os processos criminais e de maior repercussão mundial, apesar de serem os acusados obscuros operários, e que esse processo teve, desde a sua origem, o caráter de verdadeira luta de classes. Houve um único processo que também teve, embora as circunstâncias de toda natureza, o que, por ironia da sorte, teve o nome na França dos escoteiros: o caso Dreyfus.

Esse do processo, passando em países diferentes, justamente nos dois países que se diziam democráticos de justiça e de liberdade, tem caráter algo semelhante. Ambos partiram de uma injusta acusação, ambos se basearam num sentido profundamente social.

Para se ter uma ideia do que foi o processo Sacco e Vanzetti, preciso ambientá-lo na atmosfera criada pela grande guerra de 1914. Ambiente saturado de ódio e de intrigas.

O procurador geral A. Mitchell Palmer, interessado na condenação de Sacco e Vanzetti, forneceu artigos nos jornais, pagos pelo Departamento de Justiça, com o propósito de excitar a opinião pública contra os radicais e anarquistas.

Numa publicação de Luiz F. Post, intitulada "Delírio das Deportações", relata-se a história daquele período de terror e perseguições porque pagou a América do Norte, após a guerra, o preço que impôs aos potenciais do Estado e do capitalismo internacional milhares de vítimas inocentes e levou o sacrifício a a mártir a milhares de famílias e indivíduos.

Em todo o correr do processo Sacco e Vanzetti não foi apresentada uma única prova que apontasse a condenação destes dois anarquistas. Tudo o que foi baseado em suposições e adubado com as palavras criminosas de uma imprensa venal, paga para alimentar na opinião pública a ideia de que era necessário executar os dois operários anarquistas como sendo os autores do famoso assassinato no mercado da importante companhia.

Vejam as circunstâncias em que esse assassinato se deu, para termos a ideia de que jamais poderíamos achar anarquistas os protagonistas de tão grande façanha própria de gangsters. Na tarde de 15 de abril de 1926, no edifício do South Brantford, rua da Revolução, bem de frente à fábrica de calçados Itex P. Hutchins, foram assassinados e despejados de 15.000 dólares.

Frederick A. Parmentier e Alexandre L. Lamerelli, respectivamente Sacco e Vanzetti, e a Sinton Moral Show Company, A sociedade se desentrou com a rapidez de um raio. Foi um desses assaltos que tornaram famosa a região oriental do Estado de Massachusetts. Os assaltantes foram considerados a grande razão do crime praticado.

Como se tratava de um caso em que se punha à prova a eficiência da polícia americana, em caso de honra política e de justiça e Estado, não se poderia encontrar e justificar os criminosos apontados para encontrá-los, passaram a cabeça dos assassinos a prêmio com a oferta prometida de 250.000 dólares.

Tinha então um ambiente de inquietude e desordens sociais por causa das breves constantes surgidas em todo país em virtude da crise que devastou o mundo e do grande guerra. As organizações constitucionais foram ignoradas e os homens acusados não se puderam defender desculpando pelo Estado. Foi neste período de crise que foram presos Sacco e Vanzetti, acusados de serem autores do crime.

Em todo o correr do processo Sacco e Vanzetti não foi apresentada uma única prova que apontasse a condenação destes dois anarquistas. Tudo o que foi baseado em suposições e adubado com as palavras criminosas de uma imprensa venal, paga para alimentar na opinião pública a ideia de que era necessário executar os dois operários anarquistas como sendo os autores do famoso assassinato no mercado da importante companhia.

Vejam as circunstâncias em que esse assassinato se deu, para termos a ideia de que jamais poderíamos achar anarquistas os protagonistas de tão grande façanha própria de gangsters. Na tarde de 15 de abril de 1926, no edifício do South Brantford, rua da Revolução, bem de frente à fábrica de calçados Itex P. Hutchins, foram assassinados e despejados de 15.000 dólares.

DIAGNÓSTICO

O Caminho Certo

Nem capitalismo privado nem capitalismo de Estado: Socialização

No fim do século XIX, os economistas e os ideólogos políticos apresentaram problemas econômicos e sociais que afligiam o mundo, há sempre, invariavelmente, esta ideia predominante: ou decidir-se pelo capitalismo de Estado ou optar pelo capitalismo privado. Há, sem dúvida, muitas variantes, inclusive uma que constitui a mescla de ambos os sistemas. Mas o dilema não oferece nenhuma variante na sua base fundamental.

Nos, os anarquistas, afirmamos que o dilema é falso e que essa preocupação em apresentá-lo obedece a interesses inconscientes do capitalismo e do Estado. Isso nos coloca na alternativa de eleger entre duas formas de exploração dos homens e dos sistemas de privilégio antropológico. A primeira oferece, em termos de classes favorecidas em cada caso. Para os que ocupam as posições inferiores da pirâmide social, a realidade é a mesma: Condições sendo explorados ou escravos e pagados, além disso, as consequências das disputas que se produzem entre os diversos grupos de exploradores.

A humanidade não necessita mais experiências desse gênero. A solução dos problemas do mundo deve procurar-se no caminho da cooperação internacional na igualdade social, no trabalho dignificado e livre. E nada disso poderá realizar-se através de nenhum dos sistemas político-sociais vigentes na atualidade, mas num fundamento fundamental das relações humanas: com a supressão do funesto privilégio de classes. Só com um sistema autenticamente socialista, onde a liberdade do homem e a autonomia dos grupos estejam plenamente assegurados, poderão eliminar-se os males sociais que hoje afligem a humanidade.

(De "Reconstruir")

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

- "Préface" — (Su vida e su correspondência) — Casanovi Cr\$ 35,00
- "Beuve" — edição castelhana Cr\$ 35,00
- "Matteotti" — (Su vida e su pensamiento) — Luigi Rabbri Cr\$ 35,00
- "Um tempo de uma vida" — Pedro Kropotkin Cr\$ 35,00
- "Folha Michel" — (La rigion reale) — Tonia Ripari Cr\$ 15,00
- "Pessoas da existência e inexistência de Deus" — Charles Ducloux Cr\$ 30,00
- "As ideias abstracionistas do Socialismo" — Rudolf Rocker Cr\$ 15,00
- "A história da cooperação" — Pedro Kropotkin Cr\$ 70,00
- "A história da Revolução Francesa" — Pedro Kropotkin Cr\$ 85,00
- "O que é a propiedade" — Proudhon Cr\$ 15,00
- "Anarquismo ou o problema de sociedade" — José Gelpi Cr\$ 15,00
- "Sociedade de Montanha" — Tomás de Fossé Cr\$ 15,00
- Paulistas A Culin Postal, 0739 — São Paulo — Capital

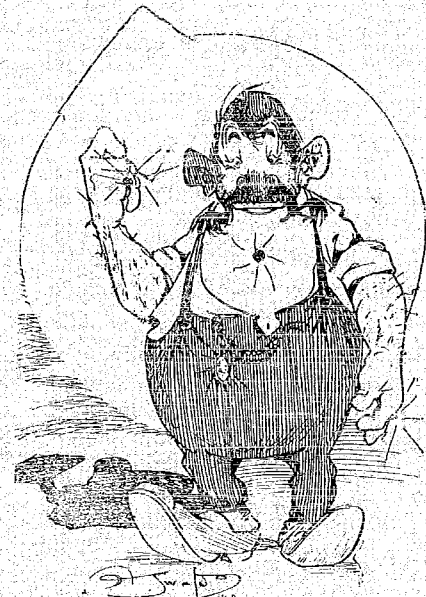
ESPALMOP.

AS CONTAS DO FURTO

O Sr. Prefeito Municipal foi solicitado a fazer declaração do não pecuniário a Câmara de Vereadores. (Dois jornais)

Profeta contra o Prefeito. Para atender ao pedido. O Relatório foi lido. Foi feita a declaração de não pecuniário. O Sr. Prefeito Municipal foi solicitado a fazer declaração do não pecuniário a Câmara de Vereadores. (Dois jornais)

FRATE-JOÃO SEM CUIDADES



A carta do capitalismo, de instituições e superiores, e que os burgueses se enchem de dinheiro, de brilhantes e de boas...

GIGI DAMIANI

Conheci-o em 1908 quando, depois das minhas andanças pelo mundo, fazia visitas ao famoso sobrado do largo da Sé n.º 5, onde se imprimiam jornais, folhetos e livros. Herbertos, Mossa, Intini, Barros, começaram dez anos depois quando trabalhávamos à mesma mesa, um dia do outro, em certo vespertino operário que tinha redação e oficinas à rua das Flores.

Uma casa velha, baixinha, na rua dos Anarquizistas, com duas portas. Era a redação. Dentro, alcova de Sacco e Vanzetti. Nas paredes, do chão, muitos quadros sem nome, onde miravam numerosas famílias. Gigi Damiani entrava, abanava o leque, e ficava olhando. Mas não resistiu a desatencão em perguntar, mas não tinha coragem de trabalhar. Por isso, com frequência, levantava a cabeça e interrogava os companheiros. Tocava a uma orelha de Sacco e Vanzetti. Mas não conseguia ouvir nada. Seus olhos não havia uma palavra a mais, bem a menos.

Conheci-o, a princípio, ainda menino. Depois, em os primeiros dias da nossa época. Revolução aqui, com os olhos da saúde. Jornalista italiano, aqui chegou há mais de meio século. Foi "impulsionado" pela "Colônia-Cécilia", pelo mesmo amigo de muitos anos que lá trabalhava.

Vestia-se, então, como os liberais da época. Aquela roupa que se chamava "porki", se dizem fotografar ao lado de Leste Tolstói. Era calças, roupa escura, sobretudo preto, gravata, La Vallière, chapéu. Um boné, de abas largas. Faltava o cinto que um dia usava. Tinha o cabelo curto, com o hidrocloro, sorriso, ora melancólico, ora sarcástico, nos lábios, melados. Ao longo da vida de jornalista popular, tinha passado por todas as vicissitudes, adquirindo na luta uma serenidade in-

terruptível. Por isso, que o herói se tornava, jamais, poria a fúria. Eu poderia contar muita coisa daquela época, familiar-me, ao entanto, a esse episódio.

A redação estava em frente dos Anarquizistas. Resolvemos "impulsionar" o jornal. Reuniram-se num café do Centro, conversaram e planearam a publicação do jornal na rua das Flores. No entanto, da primeira reunião, a ideia não foi aceita. A gente ia atender e dava uma voz desconfiada.

— "Aqui fala um amigo. Vocês não esqueçam."

— "Faltam os homens lá estão no largo da Sé."

— "Era verdade. Dific a pouco, artigos armados de cadete embocaram para rua das Flores e começaram a murmurar a relação do jornalinho. No local que não tinha sido indicado não havia tipografia nenhuma, apenas um armazém com o papel de Algodão. Era preciso ter um meio que passava os dias postado na esquina e esclarecendo."

— "E aí então. Não vêm que não se papel for afetado, agora vamos. Que o grande atira esse bofudo?"

— "Então o chefe dos ordens e eles passaram o ombro nas portas. Dentro do ponto, a rua estava cheia de café, pelo mesmo amigo de muitos anos que lá trabalhava."

— "No dia seguinte, Gigi Damiani foi preso. Logo depois, os outros foram presos. Foi então, fundou um jornal chamado "Folha Michel". Mas lá pela fundação as coisas também estavam ruins. Seu periódico teve uma existência de poucos dias. Foram os jornais anarquistas e de papel de imprensa."

— "Agora há fim dos seus estudos e tantos anos, onde anda ele? Talvez em Roma, sentados, como sempre à mesa de uma redação, com a sua pena, com o seu ideal, com o seu sorriso."

ALFONSO SCHMITZ

Que querem os Anarquistas?

Nos, os anarquistas, combatemos as instituições tais como o Estado, a Igreja, o militarismo, a política, a burocracia, etc. que formam no conjunto o sistema capitalista, porque são inimigas e nocivas à sociedade. Nosso mais ardente desejo é que os trabalhadores saibam quem são seus verdadeiros inimigos, e estes são todos os que consomem sem nada produzir. Consideramos que da mesma forma que o ar e o sol são para todos, assim também deve ser a terra e todos os produtos industriais e agrícolas, que as inventos dos homens de ciência devem ser usados para benefício de todos, e, por isso, lutamos por uma sociedade anarquista. E que é a anarquia? — A anarquia é a ordem sem governo. Afirmamos que o anarquismo será o desenvolvimento e a plenitude da cooperação universal e do apoio mútuo necessário para que os homens possam alcançar o máximo de bem-estar possível para todos.

Dizemos que, quando seja eliminada a exploração do homem pelo homem e a educação seja integral, o crime pertencerá ao passado, porque a maior parte dos crimes são devidos à miséria e a ignorância produzidas pelo monopólio das riquezas obtidas pela aplicação ou pela força de uma minoria de parasitas. Os anarquistas querem uma sociedade onde não haja quem mande, nem quem obedeca, quem explore e quem seja explorado; uma sociedade em que não seja possível a existência de "favores" e de "interesses" que centenas de apartamentos vazios porque seus "proprietários" que não os construíram, impedem, pela força, que os produtores vivam e desfrutem com dignidade o produto de seu trabalho.